



Redes e Trajetórias da migração: os venezuelanos em Fortaleza – CE

Redes y Trayectorias de la migración: venezolanos en Fortaleza - CE

Migration networks and Trajectories: venezuelans in Fortaleza - CE

Gabriel Martins Lima de Oliveira

Universidade Estadual do Ceará
martins.oliveira@aluno.uece.br

Denise Cristina Bomtempo

Universidade Estadual do Ceará
denise.bomtempo@uece.br

Resumo: O presente trabalho busca explicar os trajetos e as trajetórias de migrantes venezuelanos que realizam sua mobilidade no território brasileiro. Este trabalho foi construído a partir de um plano metodológico alicerçado na seleção de referencial bibliográfico; na definição de conceitos de base para leitura do objeto; no levantamento de dados secundários seguidos de informações jornalísticas e trabalho de campo. Com a execução desta investigação é possível afirmar que as pessoas migrantes de origem venezuelana contribuem para a formação de redes migratórias, institucionais e de solidariedade multiescalares. Para além das redes e trajetórias, é possível verificar a construção de múltiplas circularidades e territorialidades que envolvem o território de migração. Ademais, os venezuelanos ao se estabelecerem nas cidades brasileiras, com recorte empírico para a cidade de Fortaleza, inserem-se e constroem uma economia urbana da migração mormente atrelada ao circuito inferior.

Palavras-chave: migração internacional, venezuelanos/as, instituições.

Resumé: El presente trabajo busca explicar los trayectos y trayectorias de los migrantes venezolanos que realizan su movilidad en territorio brasileño. Este trabajo se construyó a partir de un plan metodológico

basado en la selección de referencias bibliográficas; en la definición de conceptos básicos para la lectura del objeto; en la recolección de datos secundarios seguidos de información periodística y trabajo de campo. Tras la realización de esta investigación es posible afirmar que los migrantes de origen venezolano contribuyen para la formación de redes migratorias, institucionales y solidarias de múltiples escalas. Más allá de las redes y trayectorias, es posible verificar la construcción de múltiples circularidades y territorialidades que involucran el territorio migratorio. Además, los venezolanos cuando se instalan en ciudades brasileñas, se insertan y construyen una economía urbana de migración vinculada principalmente al circuito inferior.

Palabras-Claves: migración internacional, venezolanos, instituciones.

Abstract: This work aims to explain the routes and migratory trajectories of Venezuelan migrants who undertake their mobility within Brazilian territory. It is based on a methodological plan grounded in the selection of bibliographic references, the definition of core concepts for analyzing the object, a survey of secondary data, journalistic sources, and fieldwork. Through this investigation, it is possible to affirm that migrants of Venezuelan origin contribute to the formation of multi-scalar migratory, institutional, and solidarity networks. Beyond networks and trajectories, the study also highlights the construction of multiple circularities and territorialities that shape the migration territory. Furthermore, as Venezuelans settle in Brazilian cities—particularly in the empirical case of Fortaleza—they participate in and shape an urban economy of migration, mainly linked to the lower circuit.

Keywords: International Migration, Venezuelans/s, institutions.

Introdução

A migração venezuelana é um fenômeno de migração forçada causado por uma combinação de graves crises econômicas, políticas e sociais que têm atingido o país nos últimos anos. Atualmente, é um dos maiores deslocamentos populacionais no mundo.

De acordo com dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2024), cerca de 6.807.768 venezuelanos vivem fora do seu país de origem. Esses dados incluem pessoas sob proteção internacional, requerentes de asilo e refugiados reconhecidos.

A migração venezuelana é direcionada principalmente para países fronteiriços como Colômbia, Brasil, Guiana, além de outros países da América do Sul, como Argentina, Chile, Equador e Peru. No entanto, a migração também alcançou países fora da América Latina, como Estados Unidos, Espanha e França.

No Brasil, a migração venezuelana se intensificou a partir de 2017, com um crescimento acentuado que se manteve até os dias atuais, conforme apresentado pela figura 1.

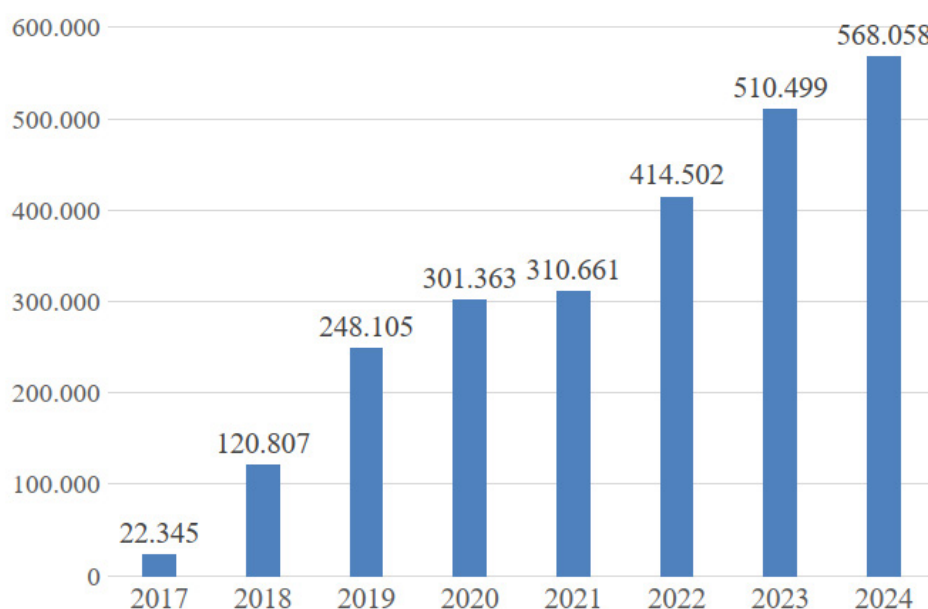


Figura 1– Quantidade total de migrantes venezuelanos no Brasil (2017 – 2024)

Fonte: ACNUR, 2025. Organização: autores.

De acordo com a figura 1, é possível observar que o fluxo de migrantes venezuelanos para o Brasil teve seu auge entre 2018 e 2019, com maior entrada no território brasileiro. Nos anos de 2020 e 2021, houve um crescimento menor devido à pandemia de COVID-19 e ao fechamento das fronteiras. Contudo, em 2022 e 2023, a migração venezuelana para o Brasil voltou a crescer, consolidando-se como um fenômeno complexo que exige um entendimento mais aprofundado.

Segundo Bomtempo (2024), a compreensão das migrações internacionais contemporâneas pode ser feita por meio da análise da configuração e do conteúdo desse fenômeno. O estudo das trajetórias migratórias é essencial para entender como as migrações acontecem, além de percebê-las como um fato social e territorial completo.

Este artigo tem como objetivo analisar as trajetórias da migração venezuelana para o Brasil, especificamente para a cidade de Fortaleza – CE. Para além das trajetórias dos migrantes, é necessário compreender também os agentes e as instituições que articulam e possibilitam a mobilidade dessa população no território brasileiro. O trabalho está estruturado em três partes principais: a) Análise das redes institucionais que apoiam a migração no Brasil; b) Estudo dos trajetos e trajetórias dos migrantes venezuelanos até Fortaleza – CE; c) Considerações sobre a migração venezuelana no Brasil e sua materialização na cidade de Fortaleza.

A metodologia adotada é uma análise quanti-qualitativa, utilizando dados secundários quantitativos para explicar a configuração da migração internacional e as redes institucionais presentes no Brasil. Além disso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para explorar as experiências e trajetórias dos migrantes.

Ao final, o estudo conclui que os venezuelanos desempenham um papel crucial na formação de redes migratórias, institucionais e de solidariedade que se expandem ao longo das cidades que atravessam territórios múltiplos, contribuindo para a construção de uma rede de apoio multiescalar.

Redes institucionais da migração no Brasil

No período atual, para além da compreensão dos sujeitos protagonistas de múltiplas migrações, é necessário o entendimento da configuração construída por agentes e instituições. No contexto da migração, em especial as de cunho forçada, as redes institucionais são fundamentais para o processo migratório, como no caso da migração de venezuelanos. Segundo Massey (2008) as instituições são fundamentais ao passo que se torna mais frequente. Para o autor uma vez que se inicia a migração internacional, instituições privadas e organizações de voluntários são criadas para atender a demanda populacional em determinado país. Ainda segundo Massey (2008), em cada período histórico, as instituições se tornam mais conhecidas pelos migrantes, tornando-se uma variável a ser considerada no contexto migratório enquanto fatores que possibilitam o deslocamento e a permanência desses sujeitos no território de migração.

Santos (2010) afirma que a migração, por ser uma atividade de risco em relação ao trajeto e trajetória, é necessária uma institucionalização, uma vez que é a partir desta que são criadas e leis, normas e regras permitindo a regulação de transações entre as pessoas, definindo seus tipos, as suas garantias, e fazendo com que estas se perpetuem.

Desse modo, compreendemos que, no período atual, a migração internacional para o Brasil é articulada principalmente a partir das instituições que atuam no acolhimento (seja no trajeto, ou no território de migração), na proteção e na prevenção de ocasiões indesejadas, como tráfico de pessoas.

Percebemos que a espacialização destas redes se moldam de acordo com a necessidade do local, como da ocorrência mais constante e volumosa da migração. Na figura 2 destacamos a conexão que existe entre as redes institucionais, apoiadas diretamente pela ACNUR, e solicitações de refúgio para o território brasileiro no ano de 2023.

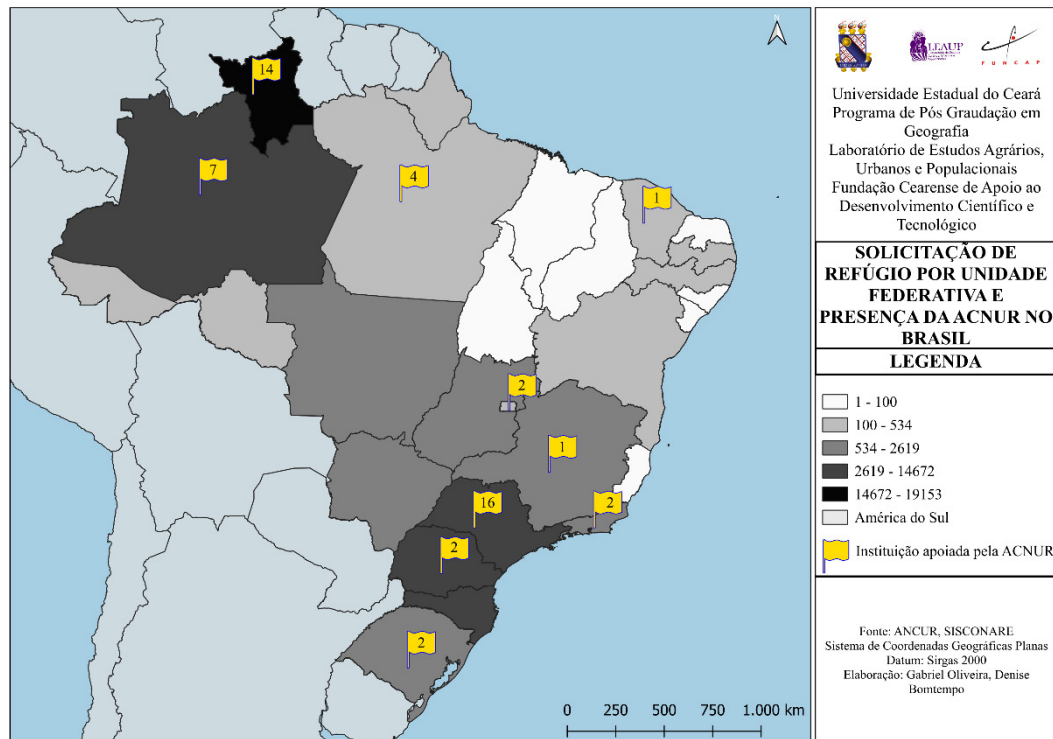


Figura 2 – Solicitações de refúgio e redes de apoio apoiadas pela ACNUR

Fonte: Acnur. Elaboração: autores.

Na figura 2, é possível observar a distribuição das redes de apoio vinculadas ao órgão de proteção aos refugiados – ACNUR, que, por meio de parcerias com diversas organizações da sociedade civil voltadas à causa migratória, desempenham um papel fundamental no acolhimento de migrantes e refugiados. Entre essas instituições, destacam-se o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), o Serviço Jesuítas a Migrante e Refugiado (SJMR), a Cáritas Brasileira e a Pastoral dos Migrantes. Essas organizações estão presentes em diversos estados do Brasil, como Roraima, Pará, São Paulo, Paraná e Ceará, entre outros. Assim, as redes de apoio articulam o território brasileiro, viabilizando a chegada e a permanência dos migrantes e refugiados.

A configuração dessas redes está diretamente relacionada às solicitações de refúgio em cada estado, com maior concentração nas localidades que recebem um volume mais acentuado de migrantes e refugiados. Os estados fronteiriços como Amazonas e Roraima, além de unidades federativas com centros econômicos mais atrativos, como São Paulo, Paraná e Santa Catarina, apresentam uma presen-

ça mais significativa de instituições. Também nota-se essas redes em estados como Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pará, Espírito Santo e o Distrito Federal.

Entretanto, além da quantidade e diversidade de instituições, é importante destacar as ações desenvolvidas por esses agentes. No Ceará, por exemplo, embora não seja um estado com um grande número de instituições dedicadas ao atendimento de migrantes, a existência das poucas organizações atuantes é crucial para o acolhimento e apoio a migrantes e refugiados, desempenhando um papel essencial no suporte a essa população.

No estado do Ceará, percebemos uma articulação e cooperação entre instituições governamentais, tais como: Programa Estadual de Atenção ao Migrante, Refugiado e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas – vinculado à Secretaria de Direitos Humanos do Estado do Ceará; instituições da sociedade civil, como: Serviço Pastoral do Migrante (SPM – CE) e Cáritas Diocesana; bem como as Universidades, como a UFCA, UFC e UECE¹.

Em Fortaleza, o SPM é fundamental para a compreensão das redes institucionalizadas vinculadas à proteção do migrante. Ressaltamos que existem outros agentes e instituições envolvidos diretamente com a migração na cidade de Fortaleza, mas priorizamos a análise por meio da Pastoral do Migrante, sem deixar de considerar as ações que envolvem tais agentes.

O serviço da Pastoral dos Migrantes teve início em 1995, a partir de missionárias Scalabrinianas que vieram a Fortaleza. Fundada por João Batista Scalabrini. A Pastoral do Migrante tem como objetivo o serviço a migrantes e refugiados no mundo.

No Brasil, a congregação está vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e exerce sua centralidade na acolhida do migrante, seja nos locais de origem, destino, e na defesa dos seus direitos. Na figura

1 A partir do Programa de Extensão Universitária “Vidas Cruzadas: migração, saberes e práticas”, coordenado pela Professora Doutora Denise Bomtempo, criado no ano de 2022 e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello – CSVN/ACNUR (2024) na UECE. O programa “Vidas Cruzadas”, bem como a CSVN tem como objetivo construir espaços coletivos de reflexão, debate e acolhimento com vistas a mitigar problemáticas vinculadas às questões de aquisição de linguagem, escolarização, regularização documental, inserção laboral, bem-estar físico, psíquico, cultural, social e ambiental dos migrantes, refugiados e apátridas e desse modo, contribuir para a estruturação de territórios de vidas migrantes.

3, apresentamos onde estão instauradas a congregação de irmãs scalabrinianas no Brasil, e em quais cidades prestam apoio às pessoas migrantes e refugiadas.

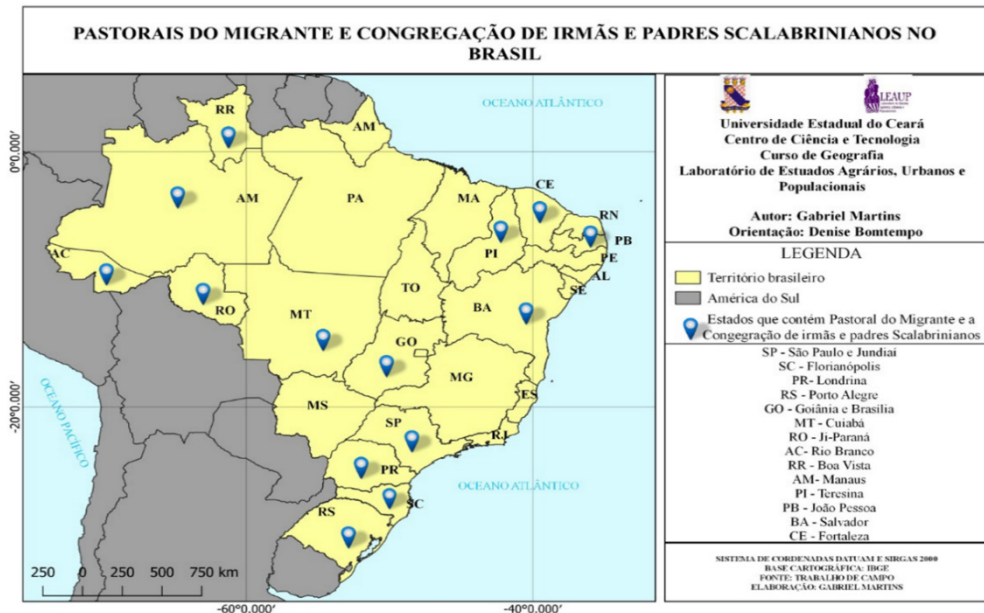


Figura 3 - Pastoral do Migrante e Congregação de Irmãs e Padres Scalabrinianos no Brasil

Fonte: Trabalho de campo. Elaboração: autores.

A partir da figura 3, observa-se a presença das Pastorais do Migrante e das congregações scalabrinianas no Brasil, com destaque para os estados fronteiriços da região Norte, como Acre, Rondônia, Amazonas e Roraima, devido ao fluxo migratório constante. Na região Sul, elas estão presentes nos três estados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), e em São Paulo, na região Sudeste, a Pastoral atua tanto na capital quanto em cidades como Cotia e Guarulhos. No Centro-Oeste, está presente em Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, especialmente em Campo Grande.

Entre os serviços da Pastoral, destacam-se a gestão das casas de acolhida, escutas qualificadas, apoio psicológico, regularização documental, encaminhamento a órgãos responsáveis e doações para migrantes em situação de vulnerabilidades múltiplas. Além disso, a Pastoral contribui para a criação de políticas públicas que beneficiam os migrantes. O trabalho das Pastorais é visível nas experiências dos migrantes, como em Fortaleza, onde os serviços têm sido fundamen-

tais para a permanência dos venezuelanos. As redes institucionais, como a formada pela Pastoral, são essenciais nas trajetórias dos migrantes, auxiliando na continuidade de suas jornadas e na integração nas cidades de destino.

As redes e trajetórias: o caminho até Fortaleza – CE

A necessidade de interpretação da migração internacional é a partir do resgate do que como as redes, os trajetos (caminho) e a trajetória (que congrega a história de vida) são importantes para a leitura das migrações no século XXI, migrações essas que são complexas, dada a multicausalidade, a manifestação espacial e temporalidade (Bomtempo, 2024).

Ainda em relação às redes, de acordo com Castillo (2024) são as redes técnicas viabilizam novos caminhos e direções, conectando povos, integrando regiões e possibilitando a circulação, da qual destacamos a populacional.

A experiência da migração, entretanto, apresenta especificidades quando analisamos qualitativamente, ou seja, a partir dos sujeitos em situação de migração. Enquanto alguns detêm o suporte e acolhimento proveniente das redes, outros atravessam dificuldades diversas até o estabelecimento e permanência num território entrelaçado pela migração. Portanto, partimos de Burgos (2009), no qual afirma que rede migratória permite pensar num espaço sincrônico onde as trajetórias se atravessam como produto de relações sociais.

Segundo Silva e Melo (2009) a trajetória não se resume apenas às decisões subjetivas relacionadas à vontade de cada pessoa ou do grupo familiar. Mas que devem ser considerados os condicionantes externos, ou seja, as estruturas onde as práticas são tecidas por homens e mulheres das diferentes classes sociais. A trajetória não é uma série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo agente social.

Ao levar em consideração que as relações cotidianas das pessoas migrantes influenciam e são influenciadas por meio das redes migratórias e de apoio, durante pesquisa empírica com as pessoas migrantes venezuelanas residentes em Fortaleza, foi possível identificar grupos de pessoas que: a) migraram com os amigos e mantém contato com

familiares que permaneceram no país de origem (ou migraram para outros países); b) a relação entre migrantes que estão na cidade e que possuem nacionalidades diferentes daqueles que entrevistamos e; c) que constroem relacionamento a partir do trabalho, moradia, estudo ou lazer com a população local. De acordo com Massey (1988), as redes migratórias podem ser definidas por “[...] complexos de laços interpersonais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de relações de parentesco, amizade e conterraneidade” (p. 396).

Jesus (2020) indica que as redes sociais e migratórias contribuem para a autopropagação de determinado fluxo migratório. Segundo o autor, à medida que a rede migratória se expande maiores são as chances de novos deslocamentos ocorrerem. Ademais, a ampliação da rede possibilita um suporte maior ao migrar diminuindo os riscos durante o trajeto.

Para Sena (2021) as redes sociais, na leitura da migração, são de vários tipos, podendo se basear em solidariedades locais ou até mesmo por recrutadores temporários, o que demonstra a participação não só de agentes econômicos como também de agentes sociais.

Afirma-se, deste modo, que no século XXI, as redes migratórias são inerentes à migração, ou seja, são elas que permitem o início e a continuidade dos fluxos migratórios.

De acordo com Bomtempo (2024), as redes migratórias, que se constituem por meio das redes técnicas e sociais, são múltiplas do ponto de vista espaço-tempo, possuem conteúdos gerais e específicos, sendo que a especificidade pode se dar pela causalidade da migração e a origem territorial das pessoas em movimento.

Por sua vez, as redes migratórias permitem a fluidez dos trajetos que se inicia com a decisão da migrar, bem como, permite a configuração e o conteúdo das relações que podem ser assim estabelecidas durante o trajeto: a) entre as pessoas que permanecem e as pessoas que se deslocam; b) entre as pessoas que realizam múltiplos trajetos; c) pessoas que permanecem, em movimento e; d) instituições e agentes multiescalares.

Durante pesquisa empírica realizada com pessoas migrantes, ao levantar a questão acerca da escolha de Fortaleza como possibilidade de continuidade da trajetória, os depoimentos contribuíram para o entendimento da rede como um conceito fundamental para o entendimento das migrações do presente.

[...] eu não conhecia nada aqui, aí eu tinha uma amiga que morava aqui. E aí meu pensamento era assim, meu pensamento antes de eu migrar eu não vinha pra cá, eu ia pra Equador, só que para você tirar o passaporte na Venezuela você tem que vender quase que o coração, por que não dá, é muito dinheiro. É muito dinheiro para tirar o passaporte. Tem países que pra você entrar precisa de passaporte, depois eu pensei que Brasil é um dos países do acordo do Mercosul que você pode entrar sem passaporte, já tinha essa possibilidade. Só que meu pensamento era ficar em Boa Vista, porque era mais perto da Venezuela, e eu poderia ficar mandando coisas para Venezuela, dava pra eu ir, voltar. De Boa Vista para Venezuela você pode mandar coisas, comida essas coisas assim, era o que eu queria.

Só que em Boa Vista tem muitos venezuelanos, e pra arrumar emprego é difícil, aí essa amiga minha falou “eu tô aqui”, que ela chegou aqui em Belo Horizonte, só que as coisas lá não foram bom e ela veio pra cá. Aí ela falou “venha para cá porque aqui é bom, você acha emprego, não sei o quê”, e eu vim para cá por conta dela, eu não conhecia aqui [...] (Entrevistada 9, mulher, de 32 anos, chegou no Brasil no ano de 2018 e em Fortaleza no mesmo ano).

A relação entre pessoas do mesmo país, juntamente com as redes de apoio e solidariedade não institucionalizadas, facilita a chegada, acolhimento e permanência dos migrantes na cidade. Agentes e instituições desempenham um papel crucial, reduzindo o impacto do choque cultural e as dificuldades relacionadas à língua. Quando questionados sobre o choque cultural, muitos destacam que a presença de uma pessoa para recepcioná-los foi fundamental para amenizar essas barreiras.

[...] com certeza, porque eu conhecia uma venezuelana que quando chegou aqui ela não tinha ninguém para ajudar ela, ela contou uma história de que até dormia na praia, até aqui na beira-mar,

ela dormia na casinha que tinha lá, ela brigava com morador de rua, ele não queria que ela dormisse lá. Ela disse que foi muito difícil para ela, tanto não ter uma casa para chegar, como para falar, eu já não tive esse problema porque eu tenho uma pessoa aqui, eu tenho uma pessoa que “eu não sei isso aqui” e eu ia lá e perguntava (Entrevistada 8).

Para Massey et al (1991), as relações de parentesco, amizade e conterraneidade se entrelaçam em uma rede social que proporciona aos migrantes um valioso recurso de adaptação a um meio ambiente estranho. Desse modo, as redes no contexto migratório são extremamente valiosas, além da inserção da pessoa no novo ambiente, também são importantes para a trajetória até chegar à cidade, como por exemplo, com o custeio de passagens de seus amigos ou familiares.

Os condicionantes externos, no caso dos venezuelanos, são a manutenção da vida e de seus familiares. Ao notarem que a circunstância de seu país não os permitia manter o básico de seu dia a dia, a alternativa encontrada é a migração. O entrevistado 2, de 40 anos, residente em Fortaleza, chegou ao Brasil em 2017, a princípio acompanhado de alguns amigos, posteriormente, quando estava em Manaus, trouxe sua esposa e filho. Em Fortaleza, sua chegada data do ano de 2018 e relata o motivo de sair da Venezuela:

[...] a situação piorou muito, tipo, eu não conseguia ter a qualidade de vida de antes, de pagar academia, de poder comprar roupa boa, a gente trabalha pra isso, né? Pra comprar coisas de qualidade mesmo. Tanto assim, que eu perdi o apartamento que eu tinha com minha ex-mulher, eu não tive mais jeito, eu tive que alugar um *kitnet*, até o ponto que não conseguia pagar o *kitnet* e tive que morar na casa da minha mulher atual, na casa dos pais dela. Então minha vida se foi cada vez piorando, no sentido econômico né, até que tipo, quando vi que meu poder de compra era tão pouco, tão pouquinho em comparação de tempos anteriores, eu sentia necessidade de “poxa, esse é o momento de sair”, de fazer o que amigos meus fizeram, tiveram aquela coragem de deixar sua família, suas coisas, para encarar uma vida diferente num outro lugar.

O entrevistado 6, de 20 anos, chegou ao Brasil e a Fortaleza no ano de 2019, e suas motivações para realizar a migração perpassa pelos seus sonhos, futuro e estabilidade financeira, para si e para sua família, como é destacado a partir do depoimento:

[...] acho que como toda pessoa quando tem um sonho né, ela quer conquistar. Ai se torna difícil quando você tá num país onde cada dia as coisas vão piorando, onde as oportunidades vão fechando, literalmente né, fechando tudo. Aí então você tem que dizer 'se eu fico aqui, vou ficar sem futuro, então preciso sair'. Então foi o que me motivou, também minha família me motivou tudo, quando falamos de crise econômica é cruel, você passa fome, você passa necessidade, você não tem dinheiro pra fazer nada né. E quando você vê sua família assim irmão, você vai procurar um jeito. Eu sou o mais velho dos meus irmãos né, aí foi o que me motivou a sair [...]

A entrevistada, de 41 anos, chegou ao Brasil e a Fortaleza em 2015 com o marido e o filho de 2 anos. Apesar das dificuldades enfrentadas durante o trajeto, relatadas na entrevista, ela destacou que a saída da Venezuela era indispensável, mesmo sem inicialmente planejar migrar para outro país.

[...] o jeito que tava lá, que já não tava dando pra comprar as coisas, que você tinha que fazer um...horas na fila pra comprar os produtos, basicamente foi isso aí. Antes da crise nunca tinha pensado em ir embora pra nenhum canto, não era uma possibilidade que tava na minha mente [...] já to aqui a 7 anos.

O entrevistado 10, de 32 anos, destacou que, embora tivessem boas condições financeiras na Venezuela, a situação tornou-se insustentável, levando a migração como única opção para preservar a qualidade de vida de sua família. Ele chegou ao Brasil em 2017.

[...] nossa condição na Venezuela ainda era boa, não tínhamos passado ainda por crise, como outras pessoas, ainda tinha uma condição boa. Só que como cada dia a Venezuela começou a ficar ruim, ruim, cada dia ficou um pouquinho mais difícil a [...] e eu decidimos sair da Venezuela (Entrevistado 10).

Apesar das diferentes datas de chegada ao Brasil, entre 2015, 2017 e 2019, todos os entrevistados compartilham o desejo de recomeçar, buscando oferecer conforto aos parentes que ficaram na Venezuela e retomar sonhos adiados. Contudo, os trajetos até Fortaleza são diversos. Enquanto alguns contam com maior poder aquisitivo ou apoio de redes de contato, outros precisam trilhar seus próprios caminhos, como relatado pelos entrevistados 2, 8 e 12.

[...] partir esse caminho, não viajei em um ônibus confortável, eu queria economizar o máximo possível. Inclusive não tinha assentos, eu praticamente viajei dentro do espaço onde vão as bagagens dentro do ônibus, é um buraco bem pequenininho mesmo, dentro do ônibus...[...] E como não tinha mais assentos eu paguei praticamente a metade da passagem, meu amigo e eu que somos altos, ele é mais alto do que eu a minha medida é 1,83, ele é quase 1,90. A gente ia todo dobrado lá dentro, quase um contorcionista, horrível. Eu cheguei com dor de costa, só que o bom é que meu amigo, a mãe do meu amigo morava na metade do trajeto, da minha cidade, onde a gente se encontrou até o Brasil, ou seja, eu viajei de polo a polo, eu viajei do norte, do extremo norte da Venezuela, que é Puerto La Cruz, até o sul, o extremo mais sul da Venezuela, e a mãe do meu amigo morava na metade do trajeto, no estado Bolívar, e a gente fez uma paradinha lá. Graças a Deus. Pernoitamos lá, nessa cidade, a gente dormiu bem confortável Graças a Deus, e no dia seguinte a gente partiu, esse ônibus que a gente pegou da cidade da mãe dele até a fronteira com o Brasil era um ônibus confortável, era um ônibus com assentos semileitos, só que também não tinha assentos. O meu amigo que falava um pouquinho português conseguiu convencer o motorista e o ajudante do motorista e ele pagou uma passagem inferior ao valor real só que a gente dormiu no corredor, deitado totalmente no chão, as pessoas muitas vezes pra se levantar do assento pra ir no banheiro pisava na gente, as mãos, os braços. Foi horrível mesmo (Entrevistado 2).

A partir do depoimento do entrevistado 2 é destacado os percalços enfrentados ao longo do trajeto migratório. Por conta do contexto em que ocorre a saída, os deslocamentos e as formas em que são

CAMINHOS DA MIGRAÇÃO VENEZUELANA ATÉ FORTALEZA: MIGRANTE 2

Universidade Estadual do Ceará
Centro de Ciências e Tecnologia
Curso de Geografia Bacharelado
Laboratório de Estudos Agrários Urbanos e Popacionais

LEGENDA

- Percurso realizado
- Território Venezuelano
- Puerto La Cruz
- Santa Elena de Uairen
- Puerto da Cruz
- Pacaraima
- Boa Vista
- Manaus
- Belém
- Fortaleza
- Território Brasileiro
- América do Sul

Autor: Gabriel Martins Lima de Oliveira
Orientadora: Professora Denise Bontempo
Elaboração: Autor
Fonte de dados: Trabalho de campo, abril de 2022
Datum: Sirgas 2000

Fonte: Trabalho de campo. Elaboração: autores.

O Migrante 2 percorreu um trajeto que durou cerca de um ano. A migração foi iniciada no ano de 2017 na cidade de Puerto La Cruz e o trajeto comporta diferentes cidades até chegar em Fortaleza. O percurso envolveu vários meios de transporte. Ao sair da Venezuela, utilizou ônibus até a fronteira com o Brasil. Em território brasileiro, continuou utilizando o ônibus como meio de transporte para realizar o trajeto até Boa Vista/RR, onde trabalhou como vendedor autônomo de plástico de origem venezuelana. Depois, seguiu para Rorainópolis/RR, onde trabalhou em fazendas com capinagem e descarga de laranjas. De lá, pegou

carona para Manaus/AM, onde se estabeleceu brevemente antes de embarcar em um navio para Belém/PA, em uma viagem de quatro dias. Finalmente, chegou a Fortaleza/CE de ônibus, onde vive desde 2018.

Para o migrante de número 8, de 30 anos, a rota foi mais complexa, por conta da pandemia de Covid – 19 e os fechamentos das fronteiras:

Entrevistado 8:[...] minha mulher e eu fomos de Bolívar a Santa Elena, a fronteira, só que para esse tempo estava na pandemia, tem dias que você tem que viajar². Só que minha cunhada comprou as passagens para uma semana depois, só que viajamos muito tempo atrás.

Entrevistada 9: Ele teve que viajar, porque se ele espera quando fosse abrir a fronteira, quando pudesse da pandemia, ele não ia conseguir chegar a tempo. Ai ele ficou uma semana lá em Boa Vista, mas ainda sim quando ele foi fazer a documentação dele na polícia federal, ele teve um probleminha assim, porque pra entrar em outro país você precisa de um visto de entrada, e nesse tempo a fronteira tava fechada, então eles tiveram que passar por outro lugar que não era polícia federal, tiveram que passar por tipo uns matos assim, pagando outras pessoas, que levavam as malas deles primeiro, e depois eles passaram.[...] De Boa Vista fui para Manaus, o voo era em Manaus, e depois aqui em Fortaleza [...] (Entrevistados 8 e 9).

A partir do depoimento do entrevistado 8, destaca-se que por conta do período pandêmico vivenciado na escala global e o fechamento de fronteiras em diversos países do mundo, foram necessárias estratégias outras, voltadas principalmente para as rotas alternativas da migração, demonstrando que para os estudos migratórios no período atual são necessários considerar trajetos que vão para além daqueles dos postos oficiais de controle migratório.

2 As restrições na Venezuela eram diferentes do Brasil, havia um rodízio durante as semanas. O plano 7+7 representava uma semana de quarentena radical e outra semana flexível.

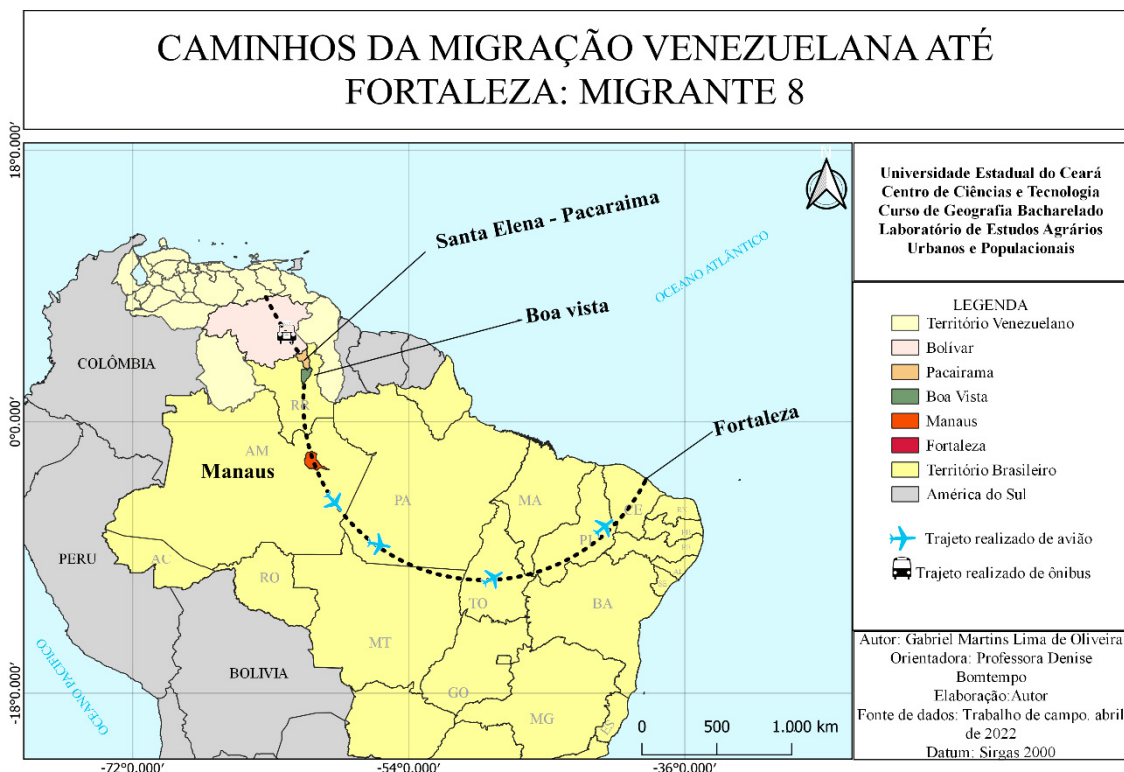


Figura 5 - Caminhos da Migração Venezuelana até Fortaleza: Migrante 8

Fonte: Trabalho de campo. Elaboração: autores.

Convidado pelo sogro, que havia migrado anteriormente para o Brasil, o entrevistado descreveu o trajeto até o país, incluindo uma passagem por Manaus, onde permaneceu por cerca de 12 dias aguardando seu voo para Fortaleza. Durante esse período no Amazonas, recebeu assistência do primo de sua companheira, que já havia migrado e residia em Manaus.

[...] A rota foi a seguinte do aeroporto de Caracas ao aeroporto de Puerto Ordaz é a cidade mais próxima da fronteira que tem aeroporto. É uma hora de viagem, Venezuela é um país bem pequeno comparado ao Brasil. Ai a gente não conseguiu comprar o bilhete dessa cidade, que faz fronteira com o Brasil, a gente teve que ficar ai e comprar pro outro dia de noite, que é de ônibus, só sai de ônibus. Entrevistadora: Ai vocês foram daqui pra onde?

Entrevistado 12: É uma cidade que se chama Santa Elena de Uairen, ai a gente teve que pegar um carro pra cruzar a fronteira, que já tava aberta né, ai não precisava ir andando, ir pelos outros

caminho. Ele pegava a gente em Santa Elena no terminal de Santa Elena, pra cruzar Pacaraima que é a cidade do Brasil que faz fronteira com a Venezuela (Entrevistado 12).

O depoimento do entrevistado 12 destaca, que para além das redes técnicas de transporte que se fazem presente e que possibilitam o deslocamento das pessoas no espaço, apresenta um elemento importante na leitura da migração no século XXI, a presença de atravessadores que agenciam os migrantes, ou agiotas da mobilidade conforme destaca Martins (2020).



Figura 6 – Caminhos da Migração Venezuelana até Fortaleza: Migrante 12

Fonte: Trabalho de campo. Elaboração: autores.

Observa-se a relevância das redes de transporte que viabilizam a mobilidade dessa população, utilizando carros, ônibus, aviões e navios ao longo do trajeto. Paralelamente, as redes de comunicação e informação desempenham um papel crucial, ao permitir que os migrantes mantenham contato constante com aqueles que ficaram no país de origem ou já estão em outros destinos. Essas redes facilitam o compartilhamento de informações, trajetórias e vivências entre os migrantes no Brasil.

As redes técnicas, materiais e imateriais se integram e formam as redes migratórias, fundamentais para o fluxo de venezuelanos. Por meio delas, é possível não apenas a chegada e a permanência, mas também a circularidade dessas pessoas no território brasileiro.

Os relatos dos migrantes revelam a diversidade de caminhos percorridos até Fortaleza, mas evidenciam a presença de uma rede de apoio migratória comum. Essa rede envolve familiares em cidades do trajeto, amigos em regiões fronteiriças, conhecidos que auxiliam na travessia e instituições organizadas que oferecem suporte durante o percurso. Essa articulação conecta os migrantes ao território, facilitando sua inserção e adaptação no Brasil.

O depoimento do migrante 16 destaca o papel fundamental das instituições de acolhimento em situações de vulnerabilidade. Ele relatou ter sido exposto a condições de risco e trabalho excessivo por dois meses, sendo forçado a permanecer devido a uma suposta dívida relacionada ao valor das passagens, alegada por uma brasileira. Durante esse período, trabalhava intensamente e recebia apenas R\$50,00, valor que era integralmente retido por ela como pagamento da dívida. Além disso, teve seu passaporte confiscado pela mesma.

A situação perdurou até que, aproveitando uma saída da mulher, ele conseguiu recuperar seu passaporte e seus poucos pertences, fugindo do local onde residia, em Maranguape. Posteriormente, já estabelecido em Fortaleza ao lado de sua esposa, tomou conhecimento do serviço da Pastoral do Migrante. Com o apoio dessa instituição, foi informado de que havia sido vítima de tráfico de pessoas e recebeu assistência, com a Pastoral atuando junto à Polícia Federal para fornecer o suporte necessário.

Ao ser questionado sobre como conheceu a Pastoral e os procedimentos realizados, o migrante 16 compartilhou detalhes que reforçam a importância dessas redes de apoio na proteção e resgate de direitos dos migrantes em situação de exploração.

[...] Aí foi a um dia que estava passando pelo grupo de venezuelanos em Fortaleza, uma família que estava carente, estava chegando, estava na rua praticamente, e então estava pedindo ajuda

e tal no grupo e aí depois do grupo, falaram que essas pessoas estavam sendo abrigadas.

É na pastora de Imigrante. Aí eu perguntei a onde fica? Na rua aqui pertinho? E tal, quando eu chega lá eu escuto que estava falando o venezuelano, É uma pessoa espanhol aí vem aqui pessoa que fala espanhol, então aí eu escutei foi esse amigo, né. O Tadeu, ele foi até São Paulo aí falou, “não, eu sou uma pessoa do meu prestou aqui ajuda. Eu estou aqui prestando ajuda e tal. É na pastoral, aí já conversei.

A família já estava com um. abrigo que mandaram eles num abrigo e tal. E aí, só que conhecia ele e ele foi é através dele, né? A Irmã Flávia e a gente conversava e fica uma mensagem de boa, tudo que a gente precisava quando na academia que ele ajudou muito, com aquele auxílio que a gente estava encaminhando, é pra é a aqueles ajuda também a na documentação das pessoas, quando eu preciso alguma coisa, e aí foi que eu conheci.

[...]A gente combinou um tal dia e vou falar com uns advogados, que também é como é ajuda os imigrantes e tal. E vou combinar para tal dia para vim também a polícia federal. E esse dia a gente foi e eu contei essa mesma história que acabei de contar para você, toda história, como eu cheguei até agora. E ela me falou assim, ela estava igual que você escrevendo, escrevendo.

É, e ele falou, olha aqui no Brasil esse fala não existe mais porque as pessoas não faz a denúncia, mas o que ela fez é, Tatiana³ trouxe a vocês assim, sem documentação. Isso é tráfico no primeiro grau, tráfico de pessoas no primeiro grau, que é botar para trabalhar sem documentação (entrevistado 16).

O depoimento do migrante 16 evidencia a relevância das redes institucionalizadas de apoio, como a Pastoral do Migrante, no acolhimento, assistência e proteção aos venezuelanos que chegam a Fortaleza. Além do suporte inicial, essas redes oferecem ajuda legal, como assistência jurídica, e trabalham ativamente na prevenção de crimes, incluindo o tráfico de pessoas.

Conforme Massey (1993), essas redes constituem laços que conectam migrantes e não-migrantes em uma complexa teia de funções sociais e relações interpessoais. No contexto migratório de Fortaleza, es-

3 Nome fictício.

sas redes, integradas a instituições como a Polícia Federal e o Conare, são fundamentais para o estabelecimento de rotas e trajetórias, tornando possível a migração recente de venezuelanos para a cidade.

Embora os deslocamentos dos entrevistados variem, especialmente devido às diferenças nas cidades de origem, é evidente que o estado de Bolívar, na Venezuela, é um ponto central nas rotas migratórias para o Brasil. Cidades como Puerto La Cruz, Santa Elena de Uairén e a capital Bolívar destacam-se como os principais locais de passagem.

Os depoimentos indicam que, apesar de virem de localidades diversas como Maracaibo, Valencia, Táchira e Carabobo, a migração para o Brasil converge em pontos estratégicos, facilitados tanto pelas condições geográficas quanto pelas redes de apoio que garantem suporte ao longo do percurso.

Apesar de ser a principal rota da migração, não são todas as pessoas que conseguem seguir esse caminho de Manaus direto para Fortaleza e acabam realizando o percurso por outras vias, que muitas perpassam a capital paraense, Belém, para finalmente chegar numa escala da qual é possível a permanência. Entre estes sujeitos é notável o quanto o valor das passagens de cidade a cidade são determinantes para sua trajetória, tal como as articulações com as pessoas durante o percurso.

A entrevistada 3, de 23 anos, que vive no Brasil há 4 anos, migrou de seu país de origem aos 18 anos. Ela descreve sua experiência migratória como difícil e repleta de obstáculos, conforme relatado em seu depoimento.

[...] a gente saiu da Boa Vista pra Manaus sem saber nada, a gente não tinha nenhum conhecimento do que ia fazer, mas sempre com Deus na frente tudo é possível. Ai foi da Boa Vista saímos pra Manaus, Manaus chegamos, não tínhamos dinheiro, não sabíamos o que fazer. Chegamos numa sexta-feira, ai não tínhamos... ai como não conhecíamos nada começamos a pedir dinheiro na rua, só que não deu certo, só conseguimos R\$35,00, só que tinha comida, tinha agua, o dinheiro foi ligeiro embora né.[...] quando chegou a segunda- feira foi que começou a aventura, porque ai a gente saia todo dia pedindo dinheiro na rua pra arrumar a passagem. A passagem era R\$ 240 ,00 (reais) de Manaus até

Belém, Belém do Pará, o estado né. E era R\$ 240,00 por barco ainda mais, era 5 dias e 4 noites, então não era só R\$ 480,00 que tinha que arrumar, era muito mais né. Mas confiando em Deus, pedindo dinheiro, pedindo dinheiro, pedindo dinheiro. O barco só saía quarta-feira e sábado, só quarta-feira e sábado, até hoje é assim, só sai quarta-feira e sábado. [...] a gente falou com muitas pessoas, muitas pessoas do barco pra poder dar desconto, pra poder conseguir a passagem, e foi isso. Deus abriu portas e a gente conseguiu a passagem em R\$ 180,00 só que ainda mais, tinha só uma passagem e R\$ 80 da outra, faltava R\$100,00, mas a gente conseguiu entrar, a gente conseguiu subir, Deus ajudou em uma coisa e outra e a gente conseguiu subir no barco [...]

Chegamos em Belém depois de 5 dias, aí na Rodoviária de Belém a gente ficou mais dois dias, aí foi muito humilhante, sabe? Primeiro, porque era proibido pedir dinheiro na rodoviária, eu tive que falar com o chefe de segurança pra pedir pra ele dois dias, eu disse “moço, eu não sou daqui moço, moço se em dois dias eu não conseguir a passagem eu vou embora, eu saio daqui” [...]

A gente dormiu na rodoviária dois dias rodoviária, no segundo dia foi benção de Deus, do nada uma pessoa foi e se aproximou, ele se aproximou né e disse “menina, tu tá fazendo o que aqui, tu tá fazendo o que?” eu lembro que ele era um homem muito alto, alto, forte, branco. “Tá fazendo o que?” Aí eu comecei a falar, devagar, do meu portunhol, mas comecei a falar “aí eu disse não sou daqui, sou venezuelana, aquilo lá” e expliquei tudo. Aí ele fez uma pergunta “tá faltando quanto pras passagens?”, e já tinha uma menina que já tinha dito que tinha que saber, porque as pessoas de Belém eles gostam, eles gosta, quando eles vê que é sincero que é de verdade, eles gostam, eles dão até a passagem, só que eu não acreditei né aí eu não contei quanto faltava pra passagem, aí o cara perguntou quanto faltava e eu não soube o que dizer, disse que tava faltando R\$100,00, e cada passagem era R\$169,00 de Belém para Fortaleza, aí eu disse que não sei, tá faltando uns R\$100,00, aí ele “Vixi, R\$100,00 não dá, mas eu tenho aqui R\$ 50,00, serve?” e eu “serve, claro que sim”....

[...] Aí passou como umas 2 horas o homem altão, forte voltou “de novo você? Ainda não completou a passagem?” aí eu “não, tá um pouco difícil” aí ele olhou pra mim e disse “tá sabendo o quanto tá

faltando?, ai eu disse “sim, tá faltando R\$47,00”[...] ai ele pegou o cartaz, abaixou o cartaz e disse “vamo comprar as passagens que eu vou completar o restante” (Entrevistada 3).

O depoimento da entrevistada 3, além de comovente, ilustra como a migração envolve muitos desafios, da qual os migrantes frequentemente se veem obrigados a enfrentar o desconhecido. Ele também destaca a importância da solidariedade, tanto das instituições quanto das redes de apoio, que são essenciais para a realização dessa migração tão delicada.

No relato, ela menciona a assistência recebida pela Casa do Migrante Jacamim⁴, em Manaus, vinculada à Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS), e como a solidariedade dos passageiros no trajeto entre Belém e Manaus foi crucial. A viagem, que durou 5 dias e 4 noites, foi marcada por uma rede de apoio entre migrantes e não migrantes, que se ajudavam mutuamente durante o percurso.

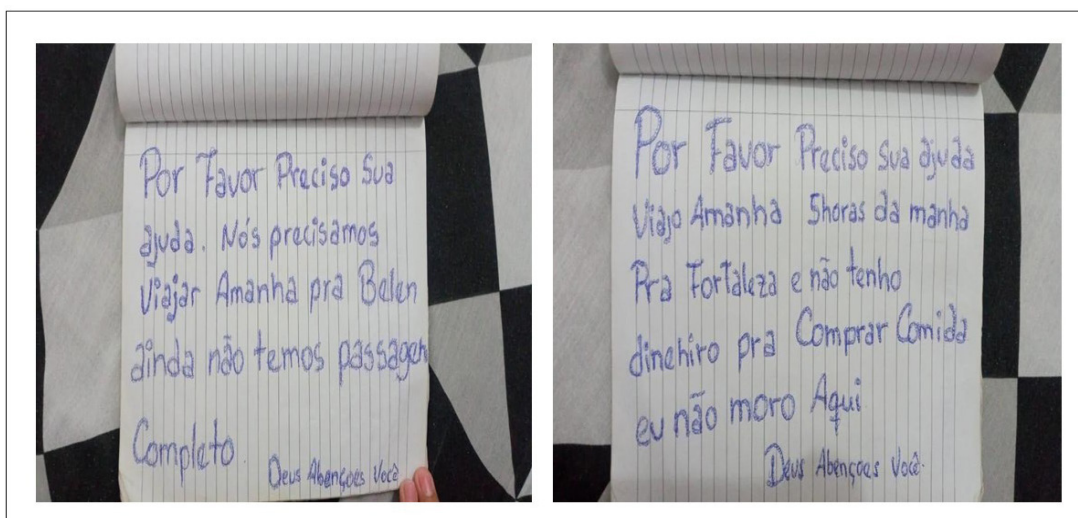


Figura 7 - Placas utilizadas para conseguir o valor das passagens para Fortaleza em Manaus – AM e Belém – PA pela migrante 3.

Fonte: Pesquisa Empírica. Organização: Autores.

4 A Casa do Migrante Jacamim, acolhimento imediato e emergencial, na modalidade casa de passagem, é uma das ofertas de serviços socioassistenciais oferecidos pelo Governo do Amazonas para atender o cidadão em situação de vulnerabilidade. Administrada pela Secretaria de Estado de Assistência Social (Seas), a casa, situada na avenida Mário Ypiranga, Flores, na zona centro-sul, distingue-se por ter um fluxo rápido, uma vez que recebe indivíduos em trânsito, seja de nacionalidade brasileira ou estrangeira, com uma permanência máxima de 90 dias.;

As placas usadas pela migrante 3, conforme a figura 7, tinham o propósito de solicitar ajuda e dinheiro, uma vez que ela não possuía condições de pagar pela passagem para seus destinos nem para sua alimentação. As placas foram feitas a partir de um caderno que ela carregava, e para confeccioná-las, contou com a ajuda de seu companheiro de migração, que, por já estar migrando há mais tempo, tinha maior fluência no português.

O migrante 2, como mencionado anteriormente, inicialmente tinha a intenção de chegar ao sudeste do Brasil, em busca de mais oportunidades de emprego e de trabalhar em sua área de formação, segurança do trabalho. Durante sua jornada, contou com a ajuda de diversas pessoas, incluindo policiais federais que lhe ofereceram carona até a divisa entre os estados de Manaus e Roraima.

Em Manaus, ele recebeu assistência da Casa de Migrante Jacamim, que ofereceu apoio e ajudou na sua estabilização até que conseguisse seu primeiro emprego com carteira assinada. Com esse avanço, conseguiu trazer sua esposa e filho para acompanhá-lo na migração.

Por meio das conexões e dos laços formados com a Pastoral do Migrante em Manaus, o migrante 2 obteve informações sobre Fortaleza e, motivado por ser uma cidade turística e por falar três idiomas, decidiu migrar para lá, acreditando que essas características poderiam ajudá-lo a encontrar emprego.

[...] e um amigo meu, chamado Cícero, que hoje ele virou meu cumpade, venezuelano, ele tinha vindo pra Fortaleza, ele era colaborador da Pastoral, ele disse assim: “Márcio, quanto ficou do teu dinheiro? Depois que pagar tuas dívidas?” Cara, aqui sobrou mano, sobrou R\$2.200,00, “Cara, tu pensou em Fortaleza? Tu sabe onde é Fortaleza?” Sim! Eu já conheço a Geografia do Brasil, sou muito bom em geografia, gosto muito de geografia, o que eu quero aprender eu aprendo. Eu sei que fica numa cidade costeira, do Oceano Atlântico, no Nordeste e tal. “Tu quer trabalhar com hotelaria, quer trabalhar com turismo? Então aqui é uma boa opção, é mais perto do que São Paulo, inclusive se a passagem tiver cara, tu tem a opção de viajar de barco até Belém, uma viagem cruel,

demorada, mas vai ser mais em conta, e uma viagem de Belém pra cá é curto, é um dia. Eu vim dessa forma pra cá, você vai adorar o Nordeste. Tem pobreza lógico, tem suas dificuldades, mas aqui que emprego que lá, tenho certeza, Márcio. Ainda mais que tu tá fala inglês e já ta falando português, pronto” (Entrevistado 2).

Nesta perspectiva, conseguimos entender que os migrantes durante sua trajetória participam, criam e ajudam a estabelecer múltiplas redes. Para Bomtempo (2019) os migrantes ao permanecerem nos territórios de migração, criam vínculos, pois não estão sozinhos, mas organizados em redes migratórias que articulam as pessoas aos lugares com objetivo de reafirmar suas territorialidades cotidianas.

Em se tratando dos migrantes venezuelanos em Fortaleza destacamos os trajetos realizados até chegarem à capital cearense, a importância da rede familiar, migratória e institucional na vinda e permanência destes sujeitos na cidade, além de serem fundamentais para não entrarem em redes de tráfico de pessoas.

Considerações Finais

A migração de venezuelanos no Brasil é um fenômeno que necessita de um contínuo acompanhamento, tendo em vista o número crescente desta população no território brasileiro, em diversos estados e cidades. Para a interpretação desta migração de maneira específica apontamos a importância de compreensão das instituições que compõem o fenômeno migratório, uma vez que a partir delas os migrantes se articulam no território brasileiro, além de estes sujeitos constituírem as instituições que dão suporte ao migrante, da qual destacamos a importância da Pastoral do Migrante para a migração de venezuelanos.

Destaca-se também a relevância de casas de acolhimento ao migrante no território brasileiro enquanto fundamentais para a vinda, permanência e continuidade da trajetória de migração.

Em relação aos trajetos e trajetórias dos venezuelanos até Fortaleza, destaca-se que neste recorte apresentado os caminhos da migração são realizados de maneira espontânea, tendo Fortaleza enquanto destino, seja pelas redes familiares ou sociais já compostas no território no

território de migração, por intermédio das instituições. Ademais, ressalta-se as dificuldades enfrentadas por esta população durante o trajeto, tendo em vista os motivos que os levaram a sair do seu país de origem.

Por fim, apontamos a necessidade de entender a realidade migratória internacional que atravessa o Brasil considerando as trajetórias construídas pelos sujeitos que compõem o fenômeno, desta forma, há a possibilidade de uma maior explicação e conhecimento das dificuldades e potencialidades trazidas por estes sujeitos.

Referências

BOMTEMPO, Denise Cristina; OLIVEIRA, G. Refugiados latino-americanos na região Nordeste do Brasil: Latin American refugees in the Northeast region of Brazil. **Revista GeoNordeste**, v. 34, n. 2, p. 123-145, 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/rm873/Downloads/OS+REFUGIADOS.pdf>. Acesso em: 06 set. 2024.

BOMTEMPO, Denise Cristina. Migração internacional, economia urbana e territorialidades. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 39, p. 63-82, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/55885>. Acesso em: 06 set. 2024.

BOMTEMPO, D. TERRITÓRIO, INSTITUIÇÕES, AGENTES E A CENTRALIDADE DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS NO BRASIL. In: **XVII GeoCrítica**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/16QiNqJh5s_skz_FWES8CsQNy2VgYVpQ/view

BOMTEMPO, D. Redes, Economia Urbana e Territorialidade: As Recentes Migrações Internacionais da Região Nordeste do Brasil. In: BALBIM, R. N. (ORGANIZADOR); ARROYO, M. (ORGANIZADOR); SANTIAGO, C. D. (ORGANIZADOR). **Brasil popular, circuitos da economia urbana e políticas públicas**. 1 ed, 2024. IPEA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/publicacao-item?id=bf5f1b80-08fc-4fb2-bb61-053ca9c7261d>. Acesso em: 20 jan. 2024.

CASTILHO, Denis. POR QUE ESTUDAR AS REDES TÉCNICAS? **Geo UERJ**, [S. l.], v. 46, 2024. DOI: 10.12957/geouerj.2024.87527. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/87527>. Acesso em: 3 dez. 2024.

CEARA. <https://www.direitoshumanos.ce.gov.br/migrante-refugiado-enfrentamento-ao-trafico-de-pessoas/>. Acesso em: 06 dez 2024.

JESUS, Alex Dias. **Redes da Imigração Haitiana no Mato Grosso do Sul**. Dourados/MS: Tese de Doutorado. Universidade Federal da Grande Dourados. 2020.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz Medeiros de . Partir e ficar.dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes. In: **rev. Inter. Mob. Hum., Brasília**, Ano XVII, Nº 33, p. 129-151, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042010007.pdf>>. Acesso em: Jun/20.

MARTINS, Isis do Mar Marques. Agiotas da mobilidade e migração haitiana: um debate sobre agenciadores em processos migratórios no/ao Brasil e políticas estatais de fronteira. **TRAVESSIA - revista do migrante**, [S. l.], n. 88, p. 75–86, 2021. DOI: 10.48213/travessia.i88.955. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/955>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MASSEY, Douglas, S. et al. **Los ausentes. El proceso social de la migración internacional en el occidente de México**. Ciudad de México: Editorial Patria, 1991.

MASSEY, Douglas S. et al. Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, v.1, n.1, set. 1993.

OLIVEIRA, Gabriel Martins Lima De. **Redes e Territorialidades dos venezuelanos em Fortaleza-CE. 2022**. 145 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2022) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=106951>.

SANTOS, Mauro Augusto dos. **Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias** / Mauro Augusto dos Santos; Alisson Flávio Barbieri; José Alberto Magno de Carvalho; Carla Jorge Machado. - Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.

SENA, Kananda Beatriz Pinto de. **Migração, redes e territorialidades: os estudantes Bissau-guineenses na cidade de Fortaleza – CE.**

Dissertação. Universidade Estadual do Ceará, 2021.

** Este artigo faz parte dos resultados da pesquisa intitulada “Migração forçada na região Nordeste do Brasil: redes, circularidades e territorialidades”, que conta com financiamento do CNPq por meio do Edital Universal – Processo:422880/2021-3.*

Gabriel Martins Lima de Oliveira

Mestre em Geografia.

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará.

Membro do Laboratório de Estudos Agrários, Urbanos e Populacionais (LEAUP) e do Programa de Extensão Universitária Vidas Cruzadas: migração, saberes e práticas.

Email: martins.oliveira@aluno.uece.br.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1546-6667>

Denise Cristina Bomtempo

Professora Adjunta dos cursos de Geografia na Universidade Estadual do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PropGeo/UECE). Coordenadora do Laboratório de Estudos Agrários, Urbanos e Populacionais (LEAUP) e do Programa de Extensão Universitária Vidas Cruzadas: migração, saberes e práticas.

Email: denise.bomtempo@uece.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0720-2110>

Recebido para publicação em dezembro de 2024.

Aprovado para publicação em maio de 2025.